

Arnaldo de Pinho – um retrato escrito à Júlio Pomar

Alberto de Castro*

Havia um pequeno reino cujo Rei pensou, a certa altura, instituir o lugar de Vice-Rei. Alguém que o ajudasse, senão nos negócios do reino, pelo menos a equacionar os problemas e as diversas soluções, que os tempos já não eram o que costumavam ser, como se costuma dizer, passe a redundância. Crente, lembrou-se daquela máxima de Deus ter criado o Homem à sua imagem e semelhança e achou que era um bom critério de escolha. Começou a escrutinar os nomes possíveis. Mais rápido do que é possível descrevê-la a decisão estava tomada. Na verdade, a pessoa em causa estava ali à mão de semear. Pode parecer um plebeísmo, mas esta é, no caso em apreço, a expressão certa. O nosso Rei, convém dizê-lo, nutria um particular fervor pelos temas agrícolas, embora não fosse certo que descendesse de D. Dinis. E ali, entre os seus cortesão mais próximos, havia quem o seguisse. Tal como ele, também para o nosso putativo Vice-Rei os fins-de-semana eram ocasião para pôr mãos à obra. Ora podava, ora sulfatava, arrancava ervas, orientava culturas, preparava os campos. Pelo menos assim contava, ufano, desdenhando dos burgueses citadinos e sedentários. Não que houvesse testemunhas, mas não havia como duvidar: de quando em vez (mais de quando do que em vez, diga-se em abono da verdade) lá aparecia com umas mazelas nas mãos e umas queixas nos quadris. Se a associação à lavoura das primeiras parecia inequívoca, há

* UCP – Porto.

quem atribua as outras ao tempo passado à mesa, mas disso trataremos mais à frente.

Não nos antecipemos. Estávamos nós, então, a contar que o Rei havia adotado o critério da sua imagem e semelhança para a escolha do Vice-Rei. E foi mesmo assim. É que o nosso homem não apenas gostava e praticava agricultura, como era tão surdo quanto o Rei (há quem diga que até era mais, pelo menos quando lhe convinha). Se o Rei o era à esquerda, o outro não era esquisito. Era "mouco, ponto final!", na expressão dos seus discípulos na Faculdade de Teologia. Isso mesmo o havia aprendido, da maneira mais primária, este escriba. A estória vale bem umas linhas. Arnaldo, tal era o nome do nosso personagem, é homem de cultura vasta e grande conversador. Ao seu gabinete acorriam personagens as mais variadas. Amigos, alunos, visitas ocasionais. Com os primeiros, após o incontornável repasto, não raro era visto passeando à volta da Universidade. Contava histórias, discutia ideias, filosofava, ensinava, num modo próprio, muito seu, de algum modo retomando uma tradição que, dizem os livros, data de Aristóteles. Com simplicidade, quando era preciso. Sempre sem se exhibir. Via-se que tinha seguidores que fruía naqueles momentos com deleite. Um dia, quando ele regressava ao seu gabinete, resolvi exhibir o meu conhecimento de filosofia e atirei-lhe que ele se parecia com os filósofos peripatéticos (os tais que ensinavam caminhando). E vi logo que me havia metido em trabalhos. Como disse, o nosso homem era surdo como e quando lhe convinha. Perante a minha afirmação, matreiro, fez de conta que só ouvira a terminação. Com bonomia, lá me explicou que, com a idade, eu perceberia que para os velhos a conversa era uma forma de viver, mesmo quando os mais novos os pudessem achar patéticos. Repeti, desta vez uns decibéis acima, o que havia dito. Uma gargalhada, muito sua, fez-me crer que a audição não tinha sido o problema mas apenas o pretexto para mais uma lição de vida.

Como disse, Arnaldo é homem de cultura variada. Quando estava para aí virado, até futebol discutia e via-se que sabia do que falava. Ouvi-lo perorar sobre as virtualhas com que se deleitava fazia abrir água na boca. Mas era na história, na literatura, na filosofia e na teologia que era (é!, felizmente) mestre. Por isso, desdenhava dos economistas, dando-me a honra de, uma vez por outra, abrir para mim uma exceção. Por ser humanista, dizia. Critério que o levava a conviver, a convidar, a escutar, a ler, pessoas e autores os mais diversos. Quando lho comentava, respondia-me: "sem o saberem, alguns são mais cristãos do que muitos que se apregoam como tal!". E ria-se, indiferente (surdo?!) às vozes que, sabia, o criticavam pela sua abertura e heterodoxia, feita de tolerância mas não de cedência quanto aos valores fundamentais. O relativismo não é o seu meio. Vem-me à memória um episódio, quando se

discuti a ligação do 11 de Setembro ao fundamentalismo islâmico. Aí, partindo de uma exegese do Alcorão rigorosa e fundamentada, que surpreendeu os supostos especialistas, evoluiu para um libelo veemente e polémico, questionando se o que estaria em causa era tão-só uma deriva ou uma consequência previsível da doutrina corânica. Do mesmo modo, todos quanto tiveram a felicidade de assistir aos seus retratos sobre os papas João Paulo II ou Bento XVI, nunca poderão esquecer a forma eloquente e pedagógica como enquadrou o respetivo pensamento e contributo para a (doutrina da) Igreja Católica.

A tradição cultural francesa e germânica que domina a sua formação não o impedia de ter uma postura que o texano George Bush não desdenharia. Não o chapéu, que nunca alguém lhe viu usar, mas os pés em cima da mesa com que não raro recebia quem visitava o seu gabinete. Era uma postura que lhe convinha para ler e meditar e, suspeita-se, passar a sexta hora, como diriam os latinos.

Homem de peso, agradam-lhe os diminutivos. Nunca perguntava se tinha ido à missa mas à "missinha". Mas os diminutivos saíam-lhe com uma ênfase especial quando tocava a comida: era a vitelinha, as trutinhas, o vinhinho, os docinhos. À sexta-feira parecia sempre mais alegre. Esperava-o Arouca, o ar puro, a sua labuta de lavrador, dizia. Às segundas-feiras o relato integrava alguns episódios rurais que algumas arranhadelas pareciam atestar. Seguiam-se algumas diatribes sobre o sedentarismo citadino, para se vir a concluir que o problema estaria mais no citadino do que no estar sentado, sobretudo à mesa, tais eram as descrições dos pitéus com que se havia regalado. As dores nas "cadeiras" de cadeiras se fazem, dizem os antigos e as más-línguas.

Entre os retratos dos Presidentes da República, sobressai o de Mário Soares, feito por Júlio Pomar. Olhando-o, embora seja claro quem ali está retratado, percebe-se que a preocupação do autor foi a de dar vida ao personagem. Retratá-lo sublinhando o que o diferencia, mesmo que correndo o risco de parecer excessivo. Seria pretensioso comparar o meu parco engenho e arte com as palavras ao pincel e paleta do pintor. Exagerei nas picardias, a pedido. Sabendo que o homem bom de que aqui falei mas perdoaria e esperando que, ainda que diluídas, quase apenas pormenores, as qualidades imensas do meu Amigo Arnaldo sobressaíssem. Desta vez, é a virtude que está nos detalhes.